

Cultura, Cidadania e Políticas Públicas 4



Alvaro Daniel Costa
(Organizador)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Alvaro Daniel Costa

(Organizador)

Cultura, Cidadania
e Políticas Públicas 4

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C968 Cultura, cidadania e políticas públicas 4 [recurso eletrônico] /
Organizador Alvaro Daniel Costa. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Cultura, cidadania e políticas públicas – v.4)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-080-3

DOI 10.22533/at.ed.803192501

1. Educação – Brasil. 2. Cidadania. 3. Políticas públicas –
Educação. 4. Prática de ensino. 5. Professores – Formação. I. Costa,
Alvaro Daniel.

CDD 323.6

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra *“Cultura , Cidadania e Políticas Públicas”* possui uma série de 84 artigos que abordam os mais variados temas nas áreas relacionadas a área de Ciências Humanas, Sociais Aplicadas e Educação.

O volume I é intitulado *“cultura, políticas públicas e sociais”* e mostra a diversidade de análises científicas em assuntos que vão desde uma análise sociocultural perpassando pelas questões socioeconômicas da sociedade brasileira e latino-americana.

Já o volume II intitulado *“educação, inclusão e cidadania- práticas pedagógicas na cultura educacional”* é inteiro dedicado a área educacional, com textos de pesquisadores que falam sobre uma educação inclusiva em assuntos como autismo, formação profissional nas mais diversas áreas dentro do espectro educativo, além de uma análise sobre os impactos da reforma do ensino médio e sobre lo direito fundamental à educação.

No terceiro volume o assunto é no que tange as *“práticas educacionais, mídia e relação com as políticas públicas e cidadania”* sendo esse volume uma continuidade dos artigos da parte II com artigos que falam sobre práticas pedagógicas, além de textos que trazem sobre assuntos da área comunicacional.

A quarta e última parte é intitulada *“cultura, literatura, educação e políticas públicas- questões multidisciplinares”* e possui uma versatilidade temática que vai da área literária e novamente sobre algumas práticas pedagógicas.

A grande diversidade de artigos deste livro demonstra a importância da análise de temas que dialogam com as práticas de políticas públicas, sejam através da área educacional, comunicação ou aquelas que analisam a sociedade a partir de um viés histórico, cultural ou até mesmo econômico.

Boa leitura!

SUMÁRIO

ÁREA TEMÁTICA CULTURA, LITERATURA, EDUCAÇÃO POLÍTICAS PÚBLICAS - QUESTÕES MULTIDISCIPLIARES

CAPÍTULO 1	1
FORMAÇÃO EM GESTÃO CULTURAL NO BRASIL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES	
Gabriel Medeiros Chati	
DOI 10.22533/at.ed.8031925011	
CAPÍTULO 2	16
A PERCEPÇÃO DE TRABALHADORES ITAJAIENSES SOBRE O PROCESSO DE IMPLANTAÇÃO DO PROGRAMA DE CULTURA DO TRABALHADOR	
Ana Clara Ferreira Marques	
Maria Glória Dittrich	
DOI 10.22533/at.ed.8031925012	
CAPÍTULO 3	30
O EFEITO CRIATIVO: UM MODELO IDEAL DE DESENVOLVIMENTO GLOBAL?	
Victor Moura Soares Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.8031925013	
CAPÍTULO 4	45
THE UNBEARABLE UNCERTAINTY OF LIVING: ULRICH BECK'S COSMOPOLITAN ITINERARY FOR A WORLD AT RISK	
Bruno Paulo Castendo Rego	
DOI 10.22533/at.ed.8031925014	
CAPÍTULO 5	58
A UTILIZAÇÃO DO <i>GOOGLE CLASSROOM</i> NA MONITORIA DE GEOGRAFIA AGRÁRIA	
Dimitri Andrey Scarinci	
Nilton Abranches Junior	
DOI 10.22533/at.ed.8031925015	
CAPÍTULO 6	67
O EFEITO MIMÉTICO DA LITERATURA: DISCUSSÕES SOBRE A PERIFERIA NO ROMANCE "CAPÃO PECADO", DE FERRÉZ.	
Gisele dos Santos Nascimento	
João Victor Gonçalves Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.8031925016	
CAPÍTULO 7	76
LITERATURA EM REVISTA A CONTRIBUIÇÃO DA <i>MUITO</i> PARA A DIVULGAÇÃO DA PRODUÇÃO LITERÁRIA BRASILEIRA	
Sílvia Mota Dantas	
DOI 10.22533/at.ed.8031925017	
CAPÍTULO 8	89
O QUE UM JACARÉ E UM AEROPORTO TÊM EM COMUM?	
Gabriela Lopes Vasconcellos de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.8031925018	

CAPÍTULO 9 97

A TECTÔNICA DE PLACAS AO ALCANCE DAS MÃOS: PROPOSTA DE ADAPTAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Larissa Romana de Oliveira Araujo
Dimitri Andrey Scarinci
Marcelle dos Santos Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.8031925019

CAPÍTULO 10 107

PESQUISA SOBRE A PRODUÇÃO DE TEXTOS ESCRITOS DE JOVENS E ADULTOS

Marta Lima de Souza

DOI 10.22533/at.ed.80319250110

CAPÍTULO 11 118

RUÍNAS, QUANDO O ERRO SE TORNA ALGO PRECIOSO: ANALISANDO TEXTOS PRODUZIDOS POR ALUNOS DA EJA

Dany Thomaz Gonçalves

DOI 10.22533/at.ed.80319250111

CAPÍTULO 12 130

MEMÓRIA SOCIAL E RESISTÊNCIA: ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA CONTRA O FECHAMENTO DA ESCOLA ALICE DO AMARAL PEIXOTO

Lucas do Couto Neves
Pablo Peixoto de Jesus Santos
Bruno de Oliveira Corrêa
Francisca Marli Rodrigues de Andrade

DOI 10.22533/at.ed.80319250112

CAPÍTULO 13 138

ESTUDANTES OU PACIENTES? A MEDICALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO COMO UMA PRÁTICA DE CONTROLE SOCIAL.

Letícia Nascimento Mello
Cristiane Moreira da Silva
Sylvio Pecoraro Júnior

DOI 10.22533/at.ed.80319250113

CAPÍTULO 14 148

DIVINA PERFORMANCE: O MENINO IMPERADOR DA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

Viviane Paraguaçu Nunes

DOI 10.22533/at.ed.80319250114

CAPÍTULO 15 160

MEDIUNIDADE PRESENTE NA PREPARAÇÃO DE ALIMENTO E DANÇA AFRO-BRASILEIRA

Tereza de Fatima Mascarin

DOI 10.22533/at.ed.80319250115

CAPÍTULO 16 169

O AERoclUBE DO BRASIL E O MUSEU AERoESPACIAL: PERSONAGENS IMPORTANTES NA CONSOLIDAÇÃO DE UMA CULTURA DE AVIAÇÃO NO BRASIL

Rejane de Souza Fontes
Claudia Musa Fay

DOI 10.22533/at.ed.80319250116

CAPÍTULO 17	185
SOB AS LUZES PALIMPSESTAS: A RECRIAÇÃO DE O VENDEDOR DE PASSADOS PARA O CINEMA	
Josette Maria Alves de Souza Monzani	
Daniela Ramos de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.80319250117	
CAPÍTULO 18	196
AS PRIMEIRAS MULHERES “PIONEIRAS” SE FORMAM NA ESCOLA NAVAL BRASILEIRA: ADEUS MINHA ESCOLA QUERIDA!	
Hercules Guimarães Honorato	
DOI 10.22533/at.ed.80319250118	
CAPÍTULO 19	206
BLITZ NOVEMBRO AZUL: A APROPRIAÇÃO DE ESPAÇO PÚBLICO PARA PROMOÇÃO E PREVENÇÃO DE DOENÇAS NO HOMEM, UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Gabriele Cavalcante Pereira	
Edilson dos Santos Souza	
Fernando Mendes de Araújo	
Geiriane Sampaio da Silva	
Evandro Raimundo Madeira Portela	
Danyel Pinheiro Castelo Branco	
DOI 10.22533/at.ed.80319250119	
CAPÍTULO 20	211
A CONJUNTURA DO <i>MUNDO</i> DOS DETENTOS E SUAS VULNERABILIDADES	
Marceli Diana Helfenstein Albeirice da Rocha	
Marlete Scremin	
Patrícia Alves de Mendonça Cavalcante	
Patricia Fernandes Albeirice da Rocha	
Rebeca Saiter Ribeiro	
Sergio Celestino Cavalcante Santos	
Tatianne Comin Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.80319250120	
CAPÍTULO 21	221
ECONOMIA DO CRIME: UMA PERSPECTIVA ECONÔMICA DA TEORIA DE GARY BECKER COM FOCO NO CRIMINOSO RACIONAL	
Michele Lins Aracaty e Silva	
Daniel Garcia Jaña Riker	
DOI 10.22533/at.ed.80319250121	
CAPÍTULO 22	240
LIMITES ÉTICOS E JURÍDICOS À EXPERIÊNCIA CIENTÍFICA COM SERES HUMANOS	
Camila Maria Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.80319250122	
CAPÍTULO 23	256
“4 MESES, 3 SEMANAS E 2 DIAS”, PARA SER A FAVOR DO DIREITO SUBJETIVO DE ESCOLHA	
Ana Luíza Canolla do Amaral	
Paulo Eduardo de Mattos Stipp	
DOI 10.22533/at.ed.80319250123	
SOBRE O ORGANIZADOR	269

DIVINA PERFORMANCE: O MENINO IMPERADOR DA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

Viviane Paraguaçu Nunes

Mestra pelo Programa de pós-graduação multidisciplinar em Cultura e Sociedade (POSCULT) UFBA (Universidade Federal da Bahia)
Salvador- Bahia

RESUMO: A Festa do Divino Espírito Santo de Salvador Bahia, apesar de uma longa tradição (duzentos e quarenta e cinco anos), permanece bastante desconhecida pelos próprios habitantes da cidade. Produzida pela Irmandade do Divino Espírito Santo pertencente à Igreja Católica, esta Festa herdada dos colonizadores portugueses realiza-se anualmente no bairro do Santo Antônio Além do Carmo, no período de Pentecostes. Os festejos são conduzidos por um menino Imperador que, respeitando a tradição, liberta presos (as) do sistema penitenciário do estado. É a performance realizada por este menino durante um ritual de fé e beleza o tema principal deste estudo. Além da pesquisa bibliográfica o depoimento dos seus participantes e do público constitui-se em parte essencial para a memória desses festejos. Organizou-se um registro audiovisual cobrindo todas as etapas da Festa durante os anos de 2014 e 2015 este vídeo-doc parte integrante desta pesquisa constitui-se em um memorial inédito, além de fazer parte de um importante “caderno de

campo”. Este estudo de caráter multidisciplinar procura esquadriñar um fenômeno cultural popular religioso pelas lentes dos Estudos Culturais, da História, da Antropologia e, sobretudo, do campo das Artes através da Etnocologia e do campo da Performance. **Palavras-chave:** Festa do Divino, Performance, Cultura Popular, Etnocologia.

ABSTRACT: The Feast of the Empire of the Divine Holy Spirit in Salvador/Bahia/Brazil remains widely unknown by the city inhabitants despite a long tradition (two-hundred forty five years). Sponsored by the catholic Brotherhood of the Divine Holy Spirit, this Feast inherited from the Portuguese colonizers happens annually in the neighborhood of Santo Antonio Alem do Carmo, in Pentecostal Season. The festivities are lead by a Boy Emperor who, respecting the tradition, free the state prisoners. The performance done by this boy during a ritual of faith and beauty is the main subject of this study. Beyond bibliographical research, the testimonial of the participants and of the public is an essential aspect for the memory of the festivities. An audiovisual register covering every stage of the Feast during 2014 and 2015 is part of this research. It constitutes an original memorial and is an important part of the Field work. This is an interdisciplinary study aiming to scan a cultural, religious and popular phenomenon under the

lens of the Cultural Studies, of History, Anthropology and, above all, of the Arts filed through the Ethnoscenology and field of Performing arts.

KEYWORDS: Feast of the Empire of the Divine Holy Spirit, Boy Emperor, Performance, Popular Culture, Ethnoscenology.

1 | OS FESTEJOS

Uma das representações mais antigas da cultura europeia e mais precisamente, portuguesa, açoriana, que fora transplantada para a terra “Brasilis” é a Festa do Divino Espírito Santo, realizada de forma diversificada em vários cantos desse país e em outros países também. Já consagrada e registrada como Patrimônio Imaterial da Humanidade pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) nas cidades de Pirenópolis (GO) e Paraty (RJ).

No estado da Bahia, acontece em vários municípios, no entanto, aqui trataremos a festa em seu contexto soteropolitano, no qual acompanhamos em todas as suas etapas nos anos de 2014 e 2015 durante a pesquisa do mestrado Multidisciplinar em Cultura e Sociedade/IHAC da Universidade Federal da Bahia.

Os festejos em adoração à Terceira Pessoa da Santíssima Trindade nascem ainda na Idade Média. Segundo o professor e historiador William de Souza Martins, em Portugal no ano de 1323, tomada por um “fervor religioso, D. Isabel, a rainha santa (1271-1336), casada com o rei D. Diniz, decidiu celebrar a festa do Divino Espírito Santo coroando simbolicamente um imperador e dois reis” (MARTINS, 2008, p. 7).

Esta cerimônia foi realizada num convento franciscano em Alenquer e ganhou as ruas ao “som de trombetas e acompanhado por uma multidão” estabelecendo assim, o “império do Divino” que resiste até os dias de hoje. (Idem, p. 7).

Desde o século XV, com a chegada dos colonizadores portugueses, muito da cultura de “Além-Mar” foi “transplantada” (termo utilizado em SODRÉ, 1976) para nossas terras, e aqui foi sendo, aos poucos, assimilada e transformada pelos nossos nativos. Mais tarde, com a chegada de outros povos, também transplantados, (nesse caso, à força), os escravos africanos, que também eram possuidores de culturas ricas e diversas, passaram a influenciar e serem influenciados pelos povos que cá estavam, mas, outros também vieram como os franceses, os holandeses, os japoneses, os italianos, dentre outros, e essa “hibridização”, como se sabe, resultou na rica e muito diversificada cultura brasileira.

O contexto cultural em estudo caracteriza-se como uma manifestação de fé, pois a festa se dá (embora com cortejos nas ruas), em grande parte no interior de um templo de fé cristã, a Igreja do Santo Antônio Além do Carmo, num bairro peculiar pertencente ao chamado “antigo centro histórico” da cidade de Salvador. Hoje o Santo Antônio além do Carmo, não figura, embora tenha alguns de seus imóveis tombados como patrimônio da Humanidade pelo IPHAN, como centro de efervescência cultural

nos roteiros turísticos da cidade. Mas isto não diminui em nada a sua beleza e encantamento, principalmente, durante os festejos tradicionais do Divino e do patrono da Igreja, o Santo Antônio.

A Irmandade do Divino, organizadora dos festejos do Divino Espírito Santo em Salvador, regozija-se em fazer com que a tradição do menino Imperador seja preservada como foi trazida pelos seus fundadores, vindos, segundo os dados da própria Irmandade, da Ilha dos Açores.

Entretanto, com o decorrer do tempo, e segundo contextos culturais diversificados, a variação ou “movência” (usando o termo de Paul Zumthor) pode ser sentida, mesmo em uma manifestação tão tradicionalmente “guardada”.

No ano de 2014, por exemplo, pôde-se observar que durante o ritual de entrada do menino Imperador na Igreja, o corredor que é formado com as tochas acesas, geralmente carregadas pelos homens da Irmandade, foi realizado improvisadamente, por mulheres, que estavam em maior número neste dia, isso quer dizer que, alguns aspectos do ritual, vão se “movendo” e podem se transformar de acordo com os contextos e as necessidades do momento.

Já em 2015 outra mudança foi implantada com a finalidade de agregar maior participação popular aos festejos. O dia do Banco Anunciador, que geralmente ocorria no sábado à tarde, uma semana antes do domingo de Pentecostes passou a acontecer no último domingo de missas preparatórias, ou seja, no dia 17 de maio de 2015 ao final da missa, para que a comunidade participe mais. Segundo aponta Vitor Serra, relações públicas da Irmandade em entrevista gravada no dia 12 de abril de 2015, “essa foi a maneira encontrada pela organização para chamar mais atenção da comunidade, para que aumente o número de participantes, porque estava muito baixo”.

A festa da terceira pessoa da trindade divina, reconhecido na religiosidade católica pelo símbolo da pomba branca rodeado por raios dourados num fundo vermelho, envolve como em todos os outros festejos, organização e uma série de preparativos para que possa ocorrer. A seguir descreveremos de forma breve as etapas destes festejos.

1.1 As Etapas da Festa:

As manifestações culturais pertencem ao contexto social que as produzem e promovem, nesse sentido, poderemos analisar a performance do menino Imperador do Divino como um todo, dividindo-a em suas etapas principais, mas sem perder de vista que ela se constitui num todo dinâmico e complexo, que a cada ano modifica-se e é modificada pela sua ação viva. Pois como nos conta Patrice Pavis um importante estudioso da performance: “O termo inglês performance, aplicado ao teatro, designa aquilo que é desempenhado pelos atores e realizado por todos os colaboradores da “representação”, ou seja, daquilo que é apresentado a um público após um trabalho de ensaios. [...]” (PAVIS, 2013, P.43).

Neste sentido, a divisão que apresentamos abaixo, tenta dar conta do fenômeno da Performance do menino Imperador da festa do Divino que além de ser um ritual religioso, constitui-se em uma performance, conforme veremos a seguir.

1.2 A Preparação

Os preparativos para as festas do Espírito Santo iniciam-se com grande antecedência. A “Irmandade do Divino” começa a pensar e organizar a festa um ano antes quando, o “Imperador” é escolhido através de voto pelos seus membros em uma assembleia constituída para este fim. O menino escolhido começa a participar da preparação da festa junto com o Imperador da vez, é como se ele fosse um “estagiário” e ao mesmo tempo, um companheiro inseparável, uma espécie de Vice Imperador.

Os pais e/ou avós do escolhido são geralmente membros da Irmandade, mas não havendo um menino com o perfil (idade) e os requisitos exigidos, o “Imperador” poderá ser escolhido entre os membros da paróquia, segundo Marcos Muniz, Mestre de Cerimônias, durante uma entrevista, “teve um ano que foi escolhido um menino órfão para o cargo, pois não havia indicados”. Os pais de vossa majestade são empossados como “Juizes de festa”, que é um cargo anual, assim como o do menino, eles são os principais responsáveis por pensar e organizar a festa, junto com os demais membros, mas principalmente, com o “mestre de cerimônias” e o “Juiz” autoridade máxima da Irmandade.

Os critérios para a escolha do menino Imperador são os considerados inerentes à fé cristã, ter realizado os ritos de fé como o batismo e a primeira comunhão, ou seja, ser membro da Igreja católica apostólica romana e ter seus pais também como membros ativos da mesma.

1.3 As Missas Preparatórias:

O ciclo festivo inicia-se com as chamadas missas preparatórias. Entendidas por nós como “ensaios”. São sete missas, cada uma ligada a um tema, ou “dom” do Espírito Santo: Espírito de Sabedoria, de Entendimento, de Conselho, de Fortaleza, de Ciência, de Piedade e Espírito de Temor de Deus. Durante essas missas preparatórias, o menino Imperador reina em seu trono, uma espécie de pequeno palco, que fica próximo ao altar-mor da igreja, em todas elas há cortejos para a coroação e entrada do Imperador, em momentos específicos, a coroa prateada é retirada pelo mordomo ou mestre de cerimônias “para que o Imperador não seja maior que Deus”.

O estandarte do Divino entra sempre à frente, para anunciá-lo; todos os irmãos participam desses cortejos, alguns carregando tochas acesas que compõem uma espécie de corredor dentro da igreja por onde o protagonista passa, sempre com suas vestes vermelha e dourada com a pomba branca bordada e, ao som de uma música,

geralmente é a música a “Bandeira do Divino”, composta por Ivan Lins e tocada nessas ocasiões por músicos convidados.

As insígnias da Irmandade ficam numa mesa ao lado do trono, bem visíveis e disponíveis para que o seu “MC (Mestre de Cerimônias)” possa tirar e colocar nos momentos adequados.

Durante toda esta preparação, o Imperador da festa atual e o seu sucessor estão juntos, e são acompanhados de perto pelo mestre de cerimônias, que os auxilia durante as missas, e ensaia com o Imperador o seu texto, a sua “fala” ou, seu “discurso” e também, o seu “gestual” performático. No entanto, o mestre de cerimônias, assim como, o menino-ator, não possuem experiências prévias no mundo do teatro.

Então, o que acontece durante as missas preparatórias e algumas reuniões entre o menino, o Mestre e o Juiz, é um treinamento do ponto de vista da oratória, da impostação de voz e boa leitura (dicação), e do gestual, da atitude corporal, ou “postura” de um Imperador, este processo pode até ser considerado como semiprofissional, ou até mesmo, intuitivo, pois não há a presença de um profissional das Artes Cênicas.

Este Mestre de Cerimônias pode ser comparado nas artes cênicas a uma espécie de diretor de cena ou contra regra que sempre está coordenando, dando a “direção” para os Imperadores, tanto o atual quanto o vice, que assumirá a coroa no dia da festa, para atuar no ano seguinte. É um dos membros da Irmandade com mais prestígio e experiência, pois é o detentor do saber de todos os detalhes do ritual. A sua importância pode ser visualizada durante a pesquisa de campo em todos os momentos da festa.

1.4 O Bando Anunciador:

Uma semana antes da culminância, num sábado à tarde, acontece o “Bando Anunciador”, também chamado de “programação Popular”, ou ainda, “parte profana da festa” onde um cortejo constituído de bandas e fanfarras convidadas, autoridades, carros de som, e claro, puxada pelo Imperador e seu séquito principal, os irmãos e irmãs do Divino, percorrem as principais ruas do bairro. Fogos de artifício são também bastante utilizados neste dia.

Após o desfile, o Imperador premia com medalhas e/ou troféus, as bandas participantes do cortejo. A premiação se dá no coreto da praça em frente à igreja, devidamente “enfeitado” com as cores do Divino e também com cadeiras para que vossa majestade aprecie o desfile que é realizado em sua homenagem, sentadinho, em sua cadeira vermelha. Em seguida, os componentes das bandas e seus responsáveis são convidados a um lanche oferecido pela Irmandade no adro da igreja.

Os organizadores da festa não admitem que exista o “lado profano”, mas, fora da igreja, algumas barracas são montadas, (ainda que sem a anuência destes), onde se vende bebidas e comidas, e onde, a comunidade e eventuais turistas, ficam durante a noite a bebericar e confraternizar.

1.5 A festa:

Acontece no dia de pentecostes, ou dia do Divino (cinquenta dias após a páscoa), uma aurora de fogos de artifícios anuncia a festa, onde um cortejo em que os irmãos, junto com a “corte” (atores figurantes, geralmente jovens convidados pela irmandade) saem em procissão da Igreja do Santo Antônio para a Igreja do Boqueirão, onde o Imperador e sua família, que estão devidamente “protegidos” por dois pajens (meninos).

A saída do Imperador e seu séquito acontece logo após um breve discurso do responsável pela igreja que os “guarda” (a Igreja do Boqueirão), de lá o cortejo segue, ao som geralmente, da banda da Polícia Militar da Bahia, (mas pode ser outra banda, caso esta não possa comparecer) e de muitos fogos de artifícios, para a igreja do Santo Antônio. No percurso, são sempre saudados por moradores mais tradicionais, que geralmente, enfeitam as varandas e janelas de suas casas para homenagearem “sua majestade” e alguns seguem o cortejo para assistir ao momento principal da festa, que acontece na Igreja do Santo Antônio Além do Carmo.

Durante a missa rezada em conjunto pelo pároco local, padres convidados e pelo Arcebispo Primaz do Brasil (ou um seu representante, como no caso acontecido em 2015), e com a presença de alguns convidados especiais, dentre eles podem estar o governador do Estado, o prefeito da cidade, ou um representante, secretários municipais ou estaduais da justiça, da cultura e da educação, que são sempre convidados pela Irmandade, bem como pessoas dos órgãos da imprensa baiana. A participação popular neste dia é bastante ampla, a Igreja fica lotada de fiéis, fotógrafos e curiosos.

O estandarte (vermelho e dourado com o símbolo do Divino, a pomba branca) segue sempre à frente no cortejo. Todos os membros da Irmandade do Divino participam deste cortejo devidamente trajados com as suas “opas” ou, “capas” vermelhas com o símbolo da pomba branca do Divino, e também são convidadas outras Irmandades da mesma paróquia ou das paróquias circunvizinhas. Durante o trajeto, muitos acenos, fotos e fogos de artifícios saúdam o Imperador que, até meados do século XIX, segundo dados da Irmandade, era um adulto, contudo, a tradição foi desaparecendo e dando lugar para a “simplicidade e pureza da criança” (Xerox fornecida pela Irmandade) que deve ter no máximo, doze anos de idade completados até o dia da festa. Um fato curioso, no ano de 2014, o Imperador Giovanni Muniz completou 12 anos no dia da festa, e seu irmão gêmeo foi o Imperador do ano anterior.

No ápice dos festejos, o menino Imperador da festa do Divino, o personagem central, é impingido do poder do Divino Espírito Santo, o poder de “libertação”, e com a sua espada colocada na cabeça da pessoa que será naquele momento simbolicamente e de fato, libertada de sua cela, diz o seu texto (que foi previamente escrito e ensaiado) perante todos que o assistem. Então, esse é o momento solene, o momento “mágico”,

o momento em que um simples menino, de até doze anos de idade, realiza o que nenhum outro menino da sua idade e nenhum de nós adultos, que estamos presentes na apresentação desta “performance”, temos o “dom” ou o “poder” de realizar - a soltura de preso (s). Esse é o poder libertador, concedido ao menino Imperador da Festa do Divino.

Em conversa informal com o menino imperador da festa de 2014, Giovanni Lucas Santana Muniz, perguntei como se sentia ao ser um Imperador, um personagem assim, tão importante? Ele respondeu na sua espontaneidade de menino, que se sentia “igual ao *super-homem* e o *Clark Kent*”, ou seja, horas “com super poderes” e horas “normal, como ele mesmo”.

2 | A TÊNUE FRONTEIRA ENTRE A ARTE E O SAGRADO

Esses festejos, ainda que religiosos, são esteticamente bem produzidos, inclusive, contando com a participação de artistas plásticos amigos da irmandade ou da paróquia, e também, com empréstimos de figurinos de teatro. Nos anos de 2014 e 2015, por exemplo, os figurinos (dos súditos, que acompanham o cortejo principal) foram tomados de empréstimo do Teatro Castro Alves (TCA).

As ornamentações dentro e fora das igrejas (por onde o cortejo passa), elementos de cenário “real”, como o trono, adereços reais como a coroa e o cetro, bem como, as principais características da arte teatral, o personagem (ator), o texto e a plateia. Tríade sem a qual, podemos dizer que, não há “espetáculo”, são todas devidamente bem cuidadas pelos responsáveis diretos da festa. Na Irmandade, existe hierarquia com funções bem definidas. Em geral, a família do Imperador arca com as despesas da festa, juntamente com a irmandade que possui recursos para tal.

Nos primórdios da festa relatos de membros da Irmandade dão conta de que a festa acontecia de forma mais “pomposa”, “mais rica” em função do patrocínio de familiares do menino Imperador, que eram sempre “pessoas de posses”, ou seja, a festa era altamente luxuosa em função da “ostentação” das famílias abastadas que usavam seus recursos próprios com finalidade de ostentar a sua riqueza. Tal cerimônia, portanto, excluía a participação direta das pessoas negras e pobres da sociedade soteropolitana.

Sabemos que desde os tempos mais remotos, as sociedades organizavam cerimônias de comemorações motivadas por vários acontecimentos, como por exemplo, para festejar a colheita, nascimentos de reis e nobres, casamentos, vitórias em batalhas, dentre outras. Eram acontecimentos com grande carga simbólica, capazes de sensibilizar as pessoas que participavam, assim como, as que somente assistiam.

Deste modo, a festa criava um sentimento especial que unia as pessoas em torno de um objetivo comum: o motivo da festa. As celebrações, agradecimentos e pedidos de proteção, no período de sementeiras ou colheitas, estão na origem das festas

coloniais europeias, mas, foi a repetição destes ciclos agrícolas, identificados com a reunião de grupos sociais, que deu a festa um caráter, ou uma função comemorativa, que foi muito bem aproveitada pelos nossos colonizadores portugueses. Segundo a estudiosa Mary Del Priore:

“As festas nasceram das formas de culto externo, tributado geralmente a uma divindade protetora das plantações, realizadas em determinados tempos e locais. Mas com o advento do cristianismo, tais solenidades receberam nova roupagem: a igreja determinou dias que fossem dedicados ao culto divino, considerando-os dias de festas, os quais formavam em seu conjunto o ano eclesiástico. Essas festas são distribuídas em dois grupos distintos: as festas do Senhor (Paixão de Cristo e demais episódios de sua vida) e os dias comemorativos dos santos (apóstolos, pontífices, virgens, mártires, Virgem Maria e padroeiros). Nos intervalos das grandes festas religiosas, eram realizadas outras menores aos domingos, por isso chamadas “Domingas”. (PRIORE, 1994, p. 13).

No Brasil colonial, dominado pela união entre o Estado e Igreja, as festas logo se incorporaram aos interesses da coroa e dos jesuítas, que dominaram o nosso sistema educacional por mais de dois séculos. As fronteiras entre a fé a política e principalmente, entre a arte e o sagrado, sempre foram bastante tênues por estes trópicos.

É sabido que a religião católica se utilizou durante a colonização do Brasil de elementos ligados as artes, tais como a dança, a mimica, a música e o teatro como meios de catequização e educação dos povos indígenas que aqui residiam. Mesmo durante o Império e a república, artifícios artísticos uniram a fé e as artes, como exemplo maior temos a arte sacra barroca das igrejas espalhadas pelo país e sobretudo em Minas Gerais, com as obras de Aleijadinho, bem como, as festas religiosas, onde o sagrado e profano andavam, e em algumas, ainda andam de mãos dadas.

Mas, no entanto, o nosso objetivo maior nesta ocasião é realizar uma análise da performance do Menino Imperador, que representa o poder do Estado e da Igreja, no contexto desta festa.

3 | DIVINA PERFORMANCE

Na multiplicidade de eventos que se interpelam nestes festejos há uma figura central, o personagem principal, a quem todos rendem homenagens, esse personagem é o “Menino Imperador” vivido por um menino de até doze anos de idade que é escolhido, conforme já vimos, entre os membros da Irmandade do Divino Espírito Santo. Um ano antes do seu “reinado”, durante o qual, o menino e sua família, participam da organização dos festejos, este menino assume como uma espécie de Vice Imperador e participa ao lado do Imperador de todas as etapas dos festejos. Seus pais são os chamados “juizes de festa”, um “cargo” com duração de um ano, assim como o do menino Imperador.

Tudo gira em torno desse protagonista – O Imperador do Divino, que se veste durante as preparatórias, sempre de branco, com uma túnica, ou capa curta de cor

vermelha (a cor da Irmandade) e usa sempre a coroa prateada com a “pombinha sagrada” no centro, o estandarte do divino sempre vai à frente para anunciar a presença da autoridade maior – a majestade – Menino Imperador.

Segundo Martha Abreu:

Para a segunda metade do século XVIII, no Brasil, há informações de que esses imperadores eram adultos, embora também existam exemplos de meninos, como indicou Vieira Fazenda. Investiam-se de direitos majestáticos, planejando como em Salvador, a ida à cadeia para pagar as fianças dos presos por dívidas; ou como no Rio de Janeiro, realizando determinados caprichos, ao exigirem, por exemplo, reverências especiais de seus “súditos” (...). (ABREU, 1999, P. 62).

No ápice dos festejos, o menino Imperador da festa do Divino veste uma capa ricamente trabalhada para a ocasião, geralmente confeccionada com a ajuda de um artista plástico amigo da Irmandade. Este menino é impingido do poder do Divino Espírito Santo, o poder de “libertação”, e com a seu espadim colocado na cabeça da pessoa que será naquele momento simbolicamente e de fato (a pessoa é solta realmente neste dia), diz o seu texto (que foi previamente escrito e ensaiado) perante todos que o assistem.

Então, esse é o momento solene, o momento “mágico”, o momento em que um simples menino, de até doze anos de idade, realiza o que nenhum outro menino da sua idade e nenhum de nós adultos, que estamos presentes na apresentação dessa “performance”, temos o “dom” de realizar - a soltura de um (ou mais) preso. Esse é o poder libertador, concedido ao menino Imperador da Festa do Divino.

Em conversa informal com o menino imperador da festa de 2014, Giovanni Lucas Santana Muniz, perguntei como se sentia ao ser um Imperador, um personagem assim, tão importante? Ele respondeu na sua espontaneidade de menino, que se sentia “igual ao *super-homem*, ou seja, horas “com superpoderes” e horas “normal, como ele mesmo”.

4 | ALGUMAS CONCLUSÕES

Em um artigo intitulado: A Festa do Divino do Sul ao Norte do Brasil seus autores apontam que, na historiografia brasileira essa festa vem sendo trabalhada nos últimos anos por alguns estudiosos: Mello e Souza (1994); Abreu (1999); Almeida (2006); Barbosa (2004); Martins (2009); Lopes (2012), entre outros, sendo entendida como “uma teia complexa de relações e interesses que dialoga com o sagrado, na qual tanto a elite colonial como a imperial, procuraram controlar os espaços públicos da realização do festejo”. Apontam também, como supracitado, que estes festejos são compreendidos como um patrimônio imaterial das comunidades, já que falam sobre os saberes e fazeres dos grupos sociais e são transmitidas de geração em geração, desta forma é entendida como uma festa popular.

Segundo o estudioso Martins (2009) estes festejos não eram bem vistos pelas

autoridades, pois representavam uma “subversão à ordem e poderia estimular os participantes a rebelarem-se, uma vez que entre os integrantes estavam mulatos, prisioneiros e pessoas de duvidosa integridade”. Conforme este autor:

Esse impressionante registro revela o temor das autoridades em relação aos africanos e seus descendentes, que, segundo o mesmo documento, representavam três quartos dos habitantes da cidade da Bahia. Era preciso impedir o envolvimento dessa população com os rituais de alteração simbólica da ordem e da hierarquia social, característicos daquelas festividades. Os agentes da Coroa temiam que a brincadeira virasse realidade, que a festa lúdica acabasse inspirando revoltas efetivas. (MARTINS, 2009, p. 20)

Como vimos, trata-se de uma festa popular de origem distante, portanto, bastante antiga até entre nós soteropolitanos, cuja data de fundação que consta nos arquivos da Irmandade é de 1770, no entanto, desconhecida por grande parte desta população.

Figura de forma bem discreta nos festejos desta cidade, mas que, se insere numa tênue fronteira entre a arte da performance de um menino imperador e sua fé no patrono da festa. A divina performance deste menino consisti em realizar um ato de “alteração simbólica da hierarquia social”, pois, um menino, que não necessariamente possui origem “nobre” (pelo menos na contemporaneidade), realiza a soltura de preso (s) em um ritual solene, investido de um “poder” imperial simbólico, usando figurino e adereços imperiais, cercado de um aparato de figurantes de uma “Corte imperial”. A assistência, por sua vez, constitui-se em uma plateia participante que ao mesmo tempo em que acredita nos “Poderes Divinos” (alguns são realmente devotos), também sabe que este é um ritual repetido anualmente, por meninos diferentes a cada ano, e que toda esta *mise-in scène* faz parte da tradição da sua religiosidade cristã.

Podemos afirmar que a performance se dá no contexto cultural em estudo, porque temos a presença incontestável de três elementos importantes da estrutura de uma performance (mesmo que não de uma performance no sentido pós-moderno):

1. O ator/atuante/performer: Menino Imperador;
2. O Texto/drama/ação: Libertação do preso;
3. A plateia/público/assistente: comunidade presente na Igreja, que geralmente fica lotada neste dia.

E neste sentido que os elementos estéticos e religiosos se hibridizam nesta festa, ao mesmo tempo em que há ritual de fé, há também uma performance, há também o cuidado estético permanente com todos os símbolos e signos dos festejos: Coroa, cetro, bandeira, ornamentações internas e externas a igreja, figurinos e figurantes, sonorização, divulgação em programas e cartazes, envio de convites, folders, ofícios e etc.

Por fim, os elementos constituintes de uma performance presentes durante toda a Festa do Divino em Salvador, desde a sua preparação durante as missas, (que aqui podemos denominar como “ensaios”), a saída do bando anunciador (propaganda), até o dia da libertação do (s) preso (s), ou seja, a “estreia”, a performance propriamente dita, podem ser consideradas como um espaço de ficção, onde a única verdade

que acontece, para além da fé e dos rituais sagrados é a libertação. Então, a Divina performance acontece para libertar, para conceber a liberdade a este (s) seres que estão ali naquele cenário incógnitos até este momento mágico, sublime.

REFERENCIAS:

ABREU, Martha. **O império do divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900.** Rio de Janeiro. Nova Fronteira; São Paulo, Fapesp, 1999.

DEL PRIORE, Mary. *Festas e Utopias no Brasil Colonial.* São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

FERNANDES, Cybele Vidal Neto. **Festas reais em Portugal e no Brasil Colônia: organização, sentido e função social.** *Arte & ensaios | revista do ppgav/eba/ufrrj* | n. 23 | nov 2011.

HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence. (Org.) **A invenção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LEAL, João. **Tradição e tradução: festa e etnicidade entre os imigrantes Açorianos nos E. U. A.** In: *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, n.º 16, Lisboa, Edições Colibri, 2005, pp. 87-108.

LIGIÉRO, Zeca. **Corpo a Corpo: Estudo das performances brasileiras.** Rio de Janeiro. Garamond, 2011.

LOPES, José Rogério. **O Divino Retorno: uma abordagem fenomenológica de fluxos identitários entre a religião e a cultura.** *Revista Etnográfica*, Vol. 16(2), *Miscelânea*, 2012, p.339-364. Disponível em: <<http://etnografica.revues.org/1526>> acessado em: 29/08/15.

MACEDO, Valéria. **Os Impérios da Festa.** A festa do Divino no Rio de Janeiro do XIX. In: http://www.antropologia.com.br/tribo/sextafeira/pdf/num2/os_imperios.pdf Acessado pela última vez em 17 de agosto 2014.

MARTINS, William de Souza. **Divina Transgressão: a festa do Divino arrastava multidões e dava dor de cabeça às autoridades do Brasil Colônia.** In: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos-revista/divina-transgressao>. Acessado em 27/03/15 e 10/04/15.

PAVIS, Patrice. **O Teatro no Cruzamento de Culturas.** Trad. Nanci Fernandes. São Paulo: Perspectiva, 2008.

_____. **A encenação contemporânea: origens, tendências, perspectivas.** Trad. Nanci Fernandes. São Paulo: Perspectiva, 2013.

RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz. **A Festa do Divino do Sul ao Norte do Brasil: elementos para um estudo comparado do patrimônio imaterial brasileiro.** *Anais Congresso Internacional Artes, Patrimônio e Museologia De 19 a 22 de Agosto de 2014.* Universidade Federal do Piauí. Campus Parnaíba Meio Norte do Brasil.

SODRÉ, Nelson W. **Síntese de História da Cultura Brasileira.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

SOUZA, Poliana Macedo de. **Festas do Divino Espírito santo em Portugal e Além-Mar.** In: *Revista Mosaico*, v. 6, n. 1, p. 107-119, jan./jul. 2013.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura.** Tradução Jerusa Pires Ferreira e

Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007. 2 edição. Ver e ampl. 178 pp.

Sites e vídeos:

<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Lista_Bens_Tombados_pelo_Iphan_%202015.pdf> acessado em 22/08/15.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-080-3



9 788572 470803